

Gomes de Lisboa, *Escrito sobre as Questões Metafísicas de António André / Scriptum super Questiones Metaphisice Antonii Andree*, ed. bilingue latim-português, introdução, edição, tradução e notas de Mário João Correia, (*Imago mundi*, 19) Ed. Afrontamento, Porto 2018; 195 pp.; ISBN 978-972-36-1839-6.

Gomes de Lisboa (Lisboa, c. 1440/50 – Roma, 1512), um dos mais relevantes vultos intelectuais e filosóficos do Renascimento português, certamente merecia um reconhecimento maior do que aquele que tem tido entre nós. Se, da sua juventude em Lisboa, a documentação é escassa, ela abunda, ao contrário, a partir da entrada na idade adulta, passada entre Paris, Veneza, Pavia e Roma, acerca da qual nos chegou bom número de cartas e testemunhos do prestígio filosófico, teológico, eclesiástico de que beneficiava por parte dos seus contemporâneos. Da sua entrada, ainda em Lisboa, na ordem dos Franciscanos nada sabemos: o primeiro registo que dele possuímos situa-o já em Paris, onde obtém, entre 1470 e 1473, o grau de bacharel em teologia. Os testemunhos seguintes dão notícia da sua estadia em Veneza, onde provavelmente obteve o grau de mestre, também em teologia, e onde terá preparado a edição da *Summa de casibus conscientiae* (1317) do franciscano Astesano de Asti, para a qual elaborou uma série de anotações teológicas. A obra, editada em 1478, conhecerá até 1519 três outras reimpressões, no que é o primeiro de um conjunto de indícios da importância de Gomes de Lisboa no seio da ordem dos menoritas.

É em Pavia, importante centro intelectual e filosófico da Itália renascentista, que se distinguia sobretudo pelo interesse dedicado à filosofia natural e à medicina, que Gomes de Lisboa passa a maior parte da sua vida. Aí ensina filosofia, e principalmente teologia, no colégio de Artes e medicina da Universidade, e desse período data a quase totalidade das suas obras: o *Scriptum super Questiones Metaphisice Antonii Andree* (composto provavelmente entre 1482-1483), a *Questio perutilis de cuiuscumque scientie subiecto, principaliter tamen naturalis Philosophie* (1485-1492?, reeditada em Veneza em 1517), a *Questio an licita sit institutio*

Montis Pietatis (1491), para além de algumas cartas e prefácios que atestam da diversidade das suas relações intelectuais e filosóficas (como, por exemplo, a carta-prefácio à obra do judeu convertido, seu colega e discípulo, Paolo Ricci, *Nupera Iudaismo ad sacram Christi religionem translati compendium*, 1507). A lealdade de longa data para com o papa Júlio II vale-lhe, em 1511, a nomeação como Vigário Geral Apostólico da Ordem dos Frades Menores e dita-lhe a instalação em Roma. Morre no ano seguinte (1512), pouco depois da nomeação como Arcebispo de Nazaré por Júlio II e tendo tido ainda o privilégio de participar nas primeiras sessões do Vº Concílio de Latrão.

É, por conseguinte, com grande justiça que Mário João Correia resgata Gomes de Lisboa da discreta atenção que a historiografia moderna lhe tem votado, revelando, como nos atestam diversas fontes, uma figura ilustre aos olhos dos seus contemporâneos, e que, evoluindo em centros privilegiados do Renascimento italiano, privou, entre outros, com Ludovico Sforza e Leonardo da Vinci. A edição deste texto, acompanhada de tradução, acresce aos dois anteriores contributos já dados por Mário J. Correia: uma revisão sistemática e uma actualização crítica do arquivo, permitindo apurar pormenores biográficos de alguma relevância (por ex., o ano exacto da morte, 1512); e a edição, acompanhada de tradução, nesta mesma colecção, *Imago mundi*, de um dos mais importantes textos de Gomes de Lisboa, a *Questio perutilis de cuiuscumque scientie subiecto, principaliter tamen naturalis philosophie* (2016).

Contrariamente a este texto, que tinha já sido editado e traduzido entre nós por Miguel Pinto de Meneses (Instituto de Alta Cultura, 1964), o *Scriptum super Questiones Metaphisice Antonii Andree* encontrava-se até hoje inédito. O texto é-nos transmitido por um único manuscrito, proveniente de Pavia e conservado na Biblioteca Bodleiana de Oxford. Este códice miscelâneo é, a diversos títulos, evocativo da diversidade de correntes que confluíam então por Pavia, como por outras cidades universitárias do norte de Itália: do humanismo ao luteranismo, do platonismo à cabala e à tradição hermética. Sem esquecer, e bem longe disso, o aristotelismo, que se mantinha predominante no conjunto das suas diversas tradições: às tradições tomistas e escotistas, acresciam as correntes arabizantes e sobretudo averroístas, e ainda, por esta época, especialmente em Pádua e Pavia, o aristotelismo helenizante que animava o impulso de traduções greco-latinas das obras dos comentadores gregos (Temístio e Simplicio, Alexandre de Afrodísias, Filopono). É precisamente no âmbito da tradição escotista na Itália do Renascimento que se inscreve este *Scriptum*, e, a essa luz, representa um testemunho precioso das tensões doutrinárias internas a essa tradição.

Como o nome o indica, trata-se de um comentário, ou talvez de uma reportagem incompleta, a catorze das *Questiones super duodecim libros Metaphysice* do escotista António André († 1333 ca.). De António André, tem sido sublinhado o seu contributo para a constituição de uma interpretação escotista de Aristóteles, favorecida e estreitamente associada, ainda que não circunscrita, à ordem Franciscana. Adotadas desde cedo como manual de ensino no seio da ordem, com uma difusão extraordinária, as *Questiones* de António André retomam as *Questiones* equivalentes de Duns Escoto, completando-as quer com posições expostas noutras obras do Doutor Subtil, quer com acrescentos originais do próprio A. André. Da grande diversidade de temas e questões filosóficas coberta pelo *Scriptum* destaca-se, nesta época de alvor da ciência moderna, o interesse pelo problema da relação entre experiência, demonstração e conhecimento – interesse proeminente que, de resto, partilha com a *Questio perutilis*. Foi talvez esse um tema de confronto entre as correntes escotistas e averroístas da época, já que, recordemo-lo, a *Questio perutilis* tentava responder às críticas dirigidas pelo averroísta Niccolotto Vernia, professor de filosofia em Pádua, à teoria escotista acerca do sujeito e critérios de definição de uma ciência, e da filosofia natural em particular. Por seu turno, o *Scriptum* permite-nos entrever, sobretudo, as diversas correntes que, no seio tradição escotista, se confrontavam em debates, por vezes acesos, sobre certas questões e problemas metafísicos emblemáticos, e relativamente a elas situar Gomes de Lisboa. Sem serem sempre e em tudo originais, as suas posições ou reformulações são consistentes e argumentadas. É, desde logo, o caso do seu entendimento das *formalitates* e dos vários tipos de distinção, discussão esta remontante ao século XIV – e que, na época de Gomes de Lisboa, florescera numa série de tratados sobre as noções de identidade e distinção, alguns dos quais foram reunidos num volume organizado por Maurício Hibernico e impresso em Veneza em 1505. Entre os autores destes tratados, é de destacar António Trombeta, confrade e professor na universidade de Pádua, de cujas posições Gomes de Lisboa se revela próximo, não só no que diz respeito às *formalitates*, como também em certos pontos de discordância com António André (vejam-se as questões «se o ente enquanto ente é sujeito da metafísica», ou «se o metafísico considera todas as quiddidades das coisas em particular»). Nesta divergência, como noutras questões de índole metafísica e epistemológica então em debate na tradição escotista (por ex., acerca da questão das paixões do ente), as posições de Gomes de Lisboa encontram eco na de certos outros escotistas coevos, por vezes bastante para além das fronteiras italianas, como é o caso dos universitários parisienses Nicolau de Orbellis (c. 1400-1475) e Pedro Tartareto († 1522).

É inequívoco, por conseguinte, o interesse filosófico intrínseco destas duas obras em particular de Gomes de Lisboa, o *Scriptum* e a *Questio perutilis*, das quais tanto resta ainda por estudar. Como já nos tinha habituado na sua precedente edição da *Questio*, a edição do *Scriptum* é cuidada, acompanhada de uma tradução escrupulosa e de um consistente aparato de notas. Sucintos e bem documentados, os estudos introdutórios dos dois volumes são complementares e oferecem uma perspetiva panorâmica da biografia de Gomes de Lisboa e de alguns dos pontos de maior interesse filosófico do *Scriptum*. É, pois, de saudar a publicação deste volume que, num formato em todos os sentidos claro e rigoroso, convida ao aprofundamento dos estudos sobre um autor de incontestável importância na tradição escotista renascentista.

Vera Rodrigues
(Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)